

## **Introdução**

Sobre as peculiaridades da literatura, Corrêa e Machado (2010, p. 127) afirmam que ela, “[...] mais do que apresentar uma situação controversa, problematiza uma forma de conduta, ao representá-la literariamente, podendo render muitas discussões que nos levem a sermos homens e mulheres melhores do que somos.” Alinhando-se à discussão, Candido (2014, 47-48), em estudo sobre as relações entre literatura e a sociedade, ao discutir sobre o público, ou seja, o receptor de uma obra de arte, no caso a literatura, afirma que, “[...] na medida em que a arte é [...] um sistema simbólico de comunicação inter-humano, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três que formam uma tríade indissolúvel...”

Essas considerações pontuais, além de subsidiarem os debates no campo dos estudos literários, dão suporte para os usos que podem ser feitos do texto literário em sala de aula, a exemplo do letramento via esse tipo de composição. Isto posto, com base nas exposições anteriores, e levando em consideração o caráter dialógico da linguagem, este estudo partiu do seguinte problema: Qual estratégia de ensino facilitaria a leitura literária em contexto escolar? Assim, para além de tarefas de identificação de elementos da narrativa e/ou versificação, por exemplo, objetivamos defender a leitura como uma forma de experiência.

Ratificando a proposta deste estudo, encontramos no conjunto das dez competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a orientação para que o aluno possa “envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição [...] reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (BRASIL, 2017, p. 85).

De início, começamos com o debate sobre o espaço/lugar do texto literário no ambiente escolar. Nesse particular, cabe o destaque para algumas orientações sobre a forma mais produtiva do uso da literatura em sala de aula. Em seguida, apresentamos alguns conceitos fundamentais do gênero diário de leitura, além de situar teoricamente as características da Estética da Recepção. Para tanto, tal discussão está dividida em dois momentos: o primeiro, acerca das características do gênero diário e seu uso como instrumento de registro de uma

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA/CNPq). E-mail: [profalmeidafernando@gmail.com](mailto:profalmeidafernando@gmail.com).

experiência com o texto literário; já o segundo, destina-se a explicitar alguns postulados da corrente teórica da Estética da Recepção, precisamente sua relevância para o ato da leitura, notadamente no que se refere ao enfoque no leitor.

Por fim, como exemplificação do uso do diário de leitura, apresentamos, como efeito decorrente das proposições levantadas acerca da importância da leitura literária, uma sequência didática tendo como texto motivador o conto fantástico *Demônios*, do maranhense Aluísio Azevedo (1857-1913), no contexto dos anos finais do Ensino Fundamental, precisamente em turmas de 9º ano.

### **Considerações sobre a literatura na escola**

Muitos autores já indicaram alguns caminhos para o uso produtivo da literatura em contexto escolar. A esse respeito, Rezende (2013) indica que há duas implicações da leitura literária: uma social e uma escolar. Sobre a primeira, afirma que, “como prática social, ou seja, na vida cotidiana de todos nós, quando lemos, a leitura da obra literária sugere, antes de tudo, um movimento de identificação: lemos o que gostamos de ler.” (REZENDE, 2013, p. 107).

Sobre as possibilidades de trabalho com o texto literário em sala de aula, tomemos como exemplo o enredo do filme *Sociedade dos poetas mortos*. Nele, o professor de literatura, John Keating, interpretado pelo ator norte-americano Robin Williams (1951-2014), por meio de uma metodologia oposta aos padrões da instituição de ensino, a Academia Welton, busca ampliar os horizontes dos alunos, valendo-se, para isso, da poesia.

Observamos, a partir das ações do professor, que a literatura, através da instância do sujeito lírico, ou seja, o poema, possibilitou aos jovens estudantes novas experiências, que os ajudaram a entender seus dilemas de uma fase de transição acadêmica quanto emocional. Para isso, Keating costumava usar a expressão latina *carpe diem*, ou seja, “aproveite o dia”. De certa forma, por meio da matéria poética, ou seja, da literatura, o professor levou os alunos a encontrar os sentidos possíveis para a vida.

O filme mostra, também, o lugar, ou melhor, o espaço que é dado à literatura em sala de aula, fazendo uma crítica a certo tecnicismo, burocratização da relação com o texto literário, que marginaliza os aspectos da fruição e subjetividade. Isto posto, Zilberman, em *A leitura e o ensino da literatura*, quando discute sobre a formação do leitor, afirma que a escola deve “[...] facilitar a difusão e o gosto pela leitura e literatura.” (ZILBERMAN, 1991, p. 16). Assim, observamos que a literatura, no filme, cumpriu, direta ou indiretamente, um papel formativo, que extrapolou noções teóricas. Sobre a leitura literária, Terra (2014, p. 26) afirma que essa

“[...] deve ser desinteressada, ou seja, deve ser marcada por uma atitude cognitiva não só de compreensão do texto, mas também de busca de prazer estético, que é sentido concomitantemente ao momento da própria leitura.”

A partir do exemplo de *Sociedade dos poetas mortos* e das considerações de Terra, é possível indicar que a leitura do texto literário em sala de aula desempenha um papel relevante. Nesse sentido, é importante refletir, doravante, sobre o “espaço” e o tratamento dados ao texto literário no meio escolar. Como bem afirma Cosson (2010, p. 58), no artigo *O espaço da literatura na sala de aula*, “o primeiro espaço da literatura na sala de aula é o lugar do texto, da leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e motivado, contato com a obra. Ler o texto literário [...] permite o primeiro encontro do leitor com o texto.”

Embora muitos autores falem sobre a necessidade da leitura do texto literário em ambiente escolar, sabemos que ele, em muitos casos, aparece em sala de aula de forma difusa. Dalvi, em artigo *Literatura na escola: propostas didático-metodológicas*, em certo trecho, faz uma crítica à forma como o texto literário é utilizado em sala de aula. A autora enfatiza que “[...] para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável quanto um cruzeiro para as ilhas gregas.” (DALVI, 2013, p. 75). Nesse contexto, uma possibilidade de abertura para o uso produtivo do texto literário em sala de aula é a própria mudança na concepção da relação professor-aluno, que daria margem para um trabalho conjunto, a partir de um diálogo franco e aberto.

Nesse particular, caberia a escola, no conjunto dos seus pares, o desenvolvimento de projetos educacionais interdisciplinares que promovam um maior contato com a literatura, a exemplo de feiras literárias, concursos de contos e poemas, leitura dramática de clássicos da literatura nacional e estrangeira, bem como a socialização de experiências leitoras, a exemplo do uso do diário de leitura. Assim, parafraseando Ezra Pound, a literatura é sempre novidade, ou seja, a cada leitura, uma nova estrada interpretativa se abre ao leitor, sujeito que, por sua natureza, vive em constante transformação, e, por isso mesmo, “pesca” do texto aquilo que, em dado momento, lhe é interessante.

### **O diário de leitura e o registro da experiência com o texto literário**

Como vimos, a experiência com o texto literário é resultado do ato de leitura. Refletindo sobre a leitura em contexto escolar, Terra (2014) destaca que, dentro da variedade de gêneros textuais que a escola deve trabalhar, o texto literário tem um papel relevante. Partindo do que já preconizavam os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), já na década de 1990, quando da centralidade no texto e, entre eles, o literário, nas competências específicas da Base

Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, vamos encontrar o destaque para o “[...] potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.” (BRASIL, 2017, p. 85).

Como indicado na citada competência, a leitura literária deve ser uma prática interessante/motivadora para os alunos. Nesse sentido, Aguiar (2013, p154), ao discutir sobre a leitura, diz que, para além de um processo de decodificação, ela é uma forma de “[...] confrontar as ideias apreendidas com o assunto, dialogar com o autor, posicionando-se diante dele, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações.” Com efeito, quando tal ato está inserido na dinâmica escolar e/ou é decorrente de uma intervenção pedagógica, a exemplo dos projetos de leitura, muitos são os procedimentos/instrumentos dos quais o professor pode utilizar para fomentar a prática da leitura entre seus alunos. Assim, dentre uma série de procedimentos apresentados por diferentes autores que pensam estratégias de leitura, para este estudo, enveredamos pelas proposições relacionadas ao uso do diário de leitura.

Partindo dos estudos de ação comunicativa proposta por Habermas, a partir da década de 1970, Machado (1998), em sua obra *O diário de leitura: a introdução de um novo instrumento na escola*, destaca que o diário é uma forma de interação verbal. No mesmo trabalho, ao referir-se ao ensino de leitura, a autora destaca que é preciso: “[...] criar condições para que todos os sujeitos leitores envolvidos numa situação de comunicação escolar específica expusessem, confrontassem e justificassem suas diferentes interpretações e suas diferentes práticas e processos de leitura.” (MACHADO, 1998, p. 8).

Com base no exposto, o diário de leitura configura-se como um instrumento produtivo para que o aluno possa registrar/expor suas impressões a respeito do texto lido. Como bem destaca Machado (1998), o diário de leitura é um subtipo do gênero diário. Assim, enquanto gênero, o diário tem um caráter íntimo, notadamente marcado pelo uso da primeira pessoa do discurso, o registro de fatos do cotidiano e, sobretudo, o diário funciona como registro de uma experiência.

Ratificando as definições apresentadas, Cosson afirma que a escolha pelo gênero diário parte da perspectiva da leitura como diálogo, ou seja, “[...] uma relação que se estabelece entre leitor e autor, texto e contexto, constituindo o que chamamos de circuito de leitura.” (COSSON, 2021, p. 51). Continuando em suas reflexões, o mesmo autor caracteriza o diário como um instrumento didático, uma transposição do diário íntimo para o ambiente escolar, além de ser fruto de uma experiência com um texto complexo e multifacetado.

De forma pontual, assim Cosson define o diário de leitura:

[...] é um registro das impressões do leitor durante a leitura do livro, podendo versar sobre dificuldades de compreensão de determinadas palavras e trechos, transcrição de trechos favoritos com observações, evocação de alguma vivência, relação com outros textos lidos, apreciação de recursos textuais, avaliação da ação das personagens, identificação de referências históricas e outros tantos recursos que constituem a leitura como diálogo registrado entre leitor e texto. (COSSON, 2021, p. 122).

As considerações de Cosson dão suporte à proposta de diário de leitura aqui discutida, pois, entendemos que todo ato de leitura é uma ação presentificadora. Assim, os alunos, ao terem contato com o texto literário, sendo ele contemporâneo ou não (mas, em muitos casos, atual), atualizam dada obra por meio do seu lugar no tempo e no espaço. Avançando no debate do gênero, enquanto matéria literária, há conhecidos exemplos de livros em forma de diário, a saber: *O Diário de Anne Frank*, de Anne Frank; *Canudos: diário de uma expedição*, de Euclides da Cunha; *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus; *O Diário de Lúcia Helena*, de Álvaro Cardoso Gomes; *Minha vida de menina*, de Helena Morley; *O Diário de um mago*, de Paulo Coelho; *Diário de um Banana*, de Jeff Kinney etc.

### **A leitura literária na perspectiva da Estética da Recepção**

Como já foi indicado, a leitura do texto literário tem suas peculiaridades. Segundo Terra (2014, p. 9), “a linguagem literária tem características próprias que a diferenciam dos outros tipos de texto. O objetivo pelo qual se lê um texto literário pode apresentar variações.” Sobre a leitura literária, Tinoco (2013, p. 142), em artigo *Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura*, destaca que, para o seu desenvolvimento, “[...] é essencial avaliar a obra escrita como linguagem mostrando o mundo, porque o revela, na medida em que o leitor se percebe refletindo nela.” Corroborando com o exposto, Terra (2014, p. 7), logo na apresentação da obra *Leitura do texto literário*, afirma que “a leitura é prática social de construção de sentidos decorrente de um processo interativo entre autor e leitor, mediado pelo texto.”

Trazendo essa questão para os pressupostos da estética da recepção, podemos considerar que o texto literário é atualizado no momento da leitura. Com base nos estudos do escritor e crítico alemão Hans Robert Jauss (1921-1997), na triangulação autor-texto-leitor, o foco, nessa perspectiva, recai no leitor. Segundo Moisés, em seu *Dicionário de termos literários*, a estética da recepção pode ser compreendida “[...] como uma teoria da leitura [...]

o sentido de uma obra muda de acordo com várias leituras levadas a efeito no curso do tempo.” (MOISÉS, 2004, p. 107).

Para Zilberman (1989, p. 17), objetivo dessa corrente teórica é “estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, e, portanto na fama, dos textos, mas também em sua produção.” Ainda em seu trabalho, a autora, analisando os textos de Jauss, destaca que, para ele, “o foco deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção.” (ZILBERMAN, 1989, p. 49).

Em *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*, Jauss (2002) considera que olhar o texto apenas em suas estruturas é insuficiente, daí a importância dada às relações entre leitor e texto. Nesse mesmo trabalho, o crítico chama a atenção para o processo de experiência com o texto. Para ele, o texto fornece pistas ao leitor, sugere, dá margens para interpretações diversas, a partir do processo de percepção. Em seu estudo, Jauss faz uso do termo “partitura” quando trata dessa “experiência” com o texto. Em termos práticos, assim como o músico acompanha a partitura, também o texto só tem seu efeito prático quando entra em cena aquele que irá interpretá-lo, ou seja, o leitor.

Para Terra (2014, p. 28), “o sentido dos textos não é algo prévio e não está no texto, mas é construído pelo leitor num processo interacional.” Já para Compagnon (2010), partindo das considerações de Wolfgang Iser (1926-2007), outro teórico da estética da recepção, em seus textos *O leitor implícito* (1972) e *O ato de leitura* (1976), afirma que “[...] O texto nunca está todo, simultaneamente presente diante de nossa atenção: como um viajante num carro, o leitor, a cada instante, só percebe um de seus aspectos, mas relaciona tudo o que viu, graças à sua memória.” (COMPAGNON, 2010, p. 150).

### **Sequência didática para o Diário de Leitura: proposta de aplicação a partir da leitura do conto *Demônios*, de Aluísio Azevedo**

Aqui, propomos que o diálogo dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, precisamente do 9º ano, com o conto *Demônios*, de Aluísio Azevedo, dar-se-á via a elaboração de um diário de leitura, espaço reservado para o registro da experiência com o texto literário. Narrado em 1ª pessoa, o texto de Aluísio conta a história de um jovem, descrito como um rapaz solteiro, escritor e amante das artes, que, em determinada noite, passa por experiências assustadoras. Na narrativa fantástica, o jovem escritor observa que todos, a sua volta, estão mortos, exceto a sua amada Laura. Os dois, então, cheios de pavor, passam a fugir

daquele cenário fúnebre, seguindo em direção ao mar, onde, por difícil decisão, iriam cometer suicídio.

Antes mesmo de realizarem o malogrado plano, os dois jovens passam por transformações/metamorfoses: viram feras, a exemplo de lobos; unem-se em forma de uma frondosa árvore; e, por fim, viram estrelas. No fim da narrativa, o leitor é surpreendido pelo narrador, que revela que todos aqueles fatos fantásticos não passavam, na verdade, de frutos da sua imaginação, escritos naquela noite de insônia. Assim, no plano geral do enredo de *Demônios*, é possível destacar os seguintes pontos: o fantástico domina a narrativa, bem como o espaço ficcional ganha projeção frente aos processos de metamorfose do jovem casal.

Isto posto, para possibilitar um encaminhamento mais produtivo para a citada atividade, propomos um trabalho pedagógico organizado por meio de uma sequência didática (SD). Sendo a sequência didática uma forma de organização do trabalho pedagógico, ela, segundo orientações dos pesquisadores Schneuly e Dolz (2004), se estrutura em torno dos seguintes procedimentos: (i) definição da situação de comunicação; (ii) produção escrita inicial; (iii) módulos de ensino; e (iv) produção final. Vejamos, pois, a correspondência de cada procedimento indicado na SD proposta neste trabalho, qual seja a leitura do conto fantástico *Demônios*, de Aluísio Azevedo, por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental:

(i) *definição da situação de comunicação*: o professor apresenta, para os alunos envolvidos, a proposta do diário de leitura; o texto que será objeto da intervenção leitora; as características do gênero, no caso, o conto fantástico; bem como os procedimentos/estratégias de leitura que serão adotadas;

(ii) *produção escrita inicial*: o professor faz uma simulação para os alunos de como é a escrita de um diário de leitura;

(iii) *módulos de ensino*: o professor realiza as atividades de motivação antes da leitura do conto de Aluísio Azevedo;

(iv): *produção final*: consiste no próprio ato de leitura, com os devidos registros no diário, e consequente socialização dos textos produzidos pelos alunos.

Assim, o diário de leitura funciona como o espaço da experiência leitora, da experiência com o texto literário, dos acordos, das dúvidas, das reflexões. A esse respeito, Terra (2014, p. 30) afirma que “[...] a obra literária pressupõe a interação entre um produtor e um leitor ou ouvinte que constrói o sentido. Como a leitura é um ato individual, o valor que cada leitor/ouvinte atribui à obra é variável.” Em suma, o diário de leitura é uma forma de interação verbal, é um subtipo do gênero diário, comporta diferentes interpretações do texto

lido, está inserido no âmbito do comentário, é um instrumento didático, e, por fim, é uma transposição do diário íntimo para o ambiente escolar.

### **Considerações finais**

Para além de aspectos teóricos, a exemplo da identificação de elementos da narrativa e/ou versificação, espera-se que as atividades de leitura literária proporcionem, do ponto de vista prático, uma imersão nas tênues tessituras da malha do texto, caminhando pelas estradas dos não ditos, das ausências, dos eufemismos, enfim, que o leitor, no caso os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sejam capazes de ver aquilo que, pela linguagem literária, está para além das ações cotidianas.

Ademais, quando levados para o ambiente escolar, os textos de literatura, a exemplo de contos, romances, poemas, devem receber um tratamento didático próprio, que facilite a percepção dos estudantes. E, no que respeita as diferentes metodologias para o trabalho com a leitura em ambiente escolarizado, de modo especial, tendo como suporte a ficção ou o lirismo poético, observamos que, dentre um universo de possibilidades, a opção pelo uso do diário de leitura como instrumento para a experiência com o texto literário tem sua relevância e funcionalidade.

No primeiro aspecto, qual seja sua relevância, o diário de leitura é uma forma peculiar de registro das impressões do leitor mediante o contato com o texto objeto de sua intervenção leitora, ou seja, pelo registro é possível criar, recriar e intervir no encaminhamento da narrativa ficcional, por exemplo. Já o segundo aspecto, qual seja sua funcionalidade, o diário de leitura é prático para o trabalho em sala de aula, uma vez que flexibiliza o trabalho docente, ao passo que o aluno (leitor) pode organizar sua própria rotina de leitura.

Por fim, cabe ressaltar que todo e qualquer trabalho realizado no ambiente escolar está passível de acertos e contradições, de acolhimento e de afastamento, de elogios e de críticas, contudo, pensar em alternativas para um trabalho produtivo com a leitura do texto literário é sempre uma ação atual e transformadora na vida cotidiana da comunidade escolar.

### **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 154.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: literatura, e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CORRÊA, Hércules Toledo; MACHADO, Maria Zélia Versiani; Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coord). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 107-128.

COSSON, *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília, 2010.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 53.

JAUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte da leitura. In: LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 873-919.

MACHADO, A. R. *O diário de leituras: uma introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et ali. Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TERRA, Ernani. *Leitura do texto literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 142.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e a história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.